

# A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA E A QUESTÃO ECUMÊNICA: CONTROVÉRSIAS E VOCAÇÃO PARA O EXCLUSIVISMO<sup>1</sup>

Rodney Ramos Martins<sup>2</sup>

## RESUMO

Com mais de um século de história no Brasil, a Convenção Batista Brasileira (CBB), continua sendo uma instituição muito conservadora e antiecumênica. Essas características se devem em grande medida a sua gênese e a outros elementos que foram surgindo com o passar dos anos. E esse é o foco do presente artigo, argumentar que essa postura antiecumênica da CBB não é adequada, inclusive se vista pela ótica de seus próprios princípios norteadores. Alguns pontos de sua doutrina e teologia serão brevemente analisados, a fim de que sejam percebidas possíveis ambiguidades e contradições neles e ao mesmo tempo demonstrar que eles podem ser enxergados por uma ótica mais ecumênica e dialogal. Não dá para negar a pluralidade existente no meio protestante, bem como em todo o meio cristão brasileiro. Da mesma forma como não se pode negar a importância do tema do ecumenismo nos dias atuais.

Palavras-chave: Batistas; Ecumenismo; Diálogo; Igreja; Eclesiologia; Doutrina.

## INTRODUÇÃO

A Convenção Batista Brasileira (CBB), é a maior convenção batista do Brasil e herdeira direta dos trabalhos missionários norte-americanos em solo brasileiro. E naturalmente, ela herdou os elementos teológicos característicos da tradição batista norte-americana, bem como os elementos ideológicos da nação norte-americana da época. A CBB manteve e ainda mantém em grande medida esses elementos que continuam sendo o norte teológico e doutrinário dela. E muitos desses elementos, como o landimarkismo<sup>3</sup> por exemplo, se contrapõem a uma experiência eclesial mais aberta e dialogal. Algo importante a ser destacado é que, a postura antiecumênica da CBB é razoavelmente conhecida no meio teológico acadêmico, mas poucos conhecem a trama por trás dessa postura. Neste sentido o artigo abordará o que há por trás desse distanciamento da CBB do movimento ecumênico, inclusive demonstrando fatos que

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, no ano de 2019, sob a orientação da Professora Doutora Claudete Beise Ulrich

<sup>2</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória.

<sup>3</sup> As primeiras ideias landimarkistas foram propostas por Jarries R. Graves, na época, editor do jornal “O Batista do Tennessee”. O landimarkismo, a grosso modo, defendia que ao longo da história do cristianismo sempre existiram os guardadores dos velhos marcos (Landmark) do cristianismo neo-testamentário, e que hoje esses guardadores são os Batistas. Essa teoria foi muito influente entre os batistas do sul dos Estados Unidos e consequentemente entre os batistas brasileiros, como se pode observar nos escritos de José dos Reis Pereira.

comprovam esse distanciamento. Também será demonstrado as incongruências e ambiguidades acerca dos próprios princípios batistas que são observados pela CBB e que também são usados de forma não tão coerente por ela, inclusive para justificar sua postura antiecumênica.

Dessa forma, o presente artigo busca lançar algumas luzes sobre a questão, e ao mesmo tempo ser uma semente de consciência para os muitos crentes batistas brasileiros que desconhecem tanto o ecumenismo como também essas características da CBB. Em um mundo globalizado e conseqüentemente mais plural, o tema do ecumenismo tem se tornado cada vez mais necessário. Por isso, a CBB primeiramente precisa se enxergar dentro dessa realidade plural para que ela possa se juntar as outras igrejas que já deram esse passo, rumo a um testemunho cristão mais rico e transformador.

## 1. A HERANÇA TEOLÓGICA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

### 1.1. Cisões e Controvérsias na Formação da Tradição Batista Inglesa e Norte-americana

Para poder entender o espírito teológico e doutrinário da CBB é necessário voltar no tempo, mais precisamente na origem dos batistas dentro dos grupos separatistas ingleses do século XVII. Origem esta que aparece como uma das três teorias de surgimento dos batistas que José dos Reis Pereira<sup>4</sup> apresenta em sua *Breve História dos Batistas*<sup>5</sup>. Onde ele faz apologia de forma velada a teoria JJJ (Jerusalém-Jordão-João).<sup>6</sup> Apresentando de uma forma bem resumida, diversos grupos e movimentos minoritários ao longo da história do cristianismo que, segundo ele, guardaram os pilares fundamentais das igrejas cristãs primitivas, e ele identifica esses grupos com os batistas.

O primeiro ponto a ser destacado está na forma que se deu a origem das primeiras igrejas batistas que se tem registros. John Smyth e Thomas Helwys<sup>7</sup>, após emigrarem para Amsterdam (Holanda), por conta das perseguições religiosas aos grupos dissidentes na Inglaterra, fundaram em 1609 a primeira igreja batista que se tem conhecimento.<sup>8</sup> Smyth era um ex-ministro anglicano e líder de um grupo separatista puritano chamado “povo livre do Senhor”. Já na

---

<sup>4</sup> Foi pastor batista, professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e durante muitos anos o historiador oficial da Convenção Batista Brasileira.

<sup>5</sup> PEREIRA, José dos Reis. *Breve História dos Batistas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p. 9-10.

<sup>6</sup> Teoria derivada do landimarkismo, surgida na metade do século XIX, entre os batistas do sul dos Estados Unidos.

<sup>7</sup> Advogado inglês, que se juntou ao grupo “povo livre do Senhor”, liderado por John Smyth. É creditado a ele o fornecimento de fundos para a emigração de 1608.

<sup>8</sup> PEREIRA, 1979, p. 68.

Holanda, Smyth batizou-se a si mesmo por afusão, após seu contato com a tese Anabatista do batismo somente de crentes.<sup>9</sup> O que posteriormente, por conta da influência Menonita, e por ter sido criticado pelos seus próprios liderados, inclusive por Helwys<sup>10</sup>, Smyth teve dúvidas sobre seu próprio batismo. Após esse episódio houve uma cisão no grupo, movida pelas divergências entre Smyth e Helwys.<sup>11</sup> O fato em questão aqui é que, já na gênese dos batistas, houve uma cisão, especificamente por causa do batismo, tema muito relevante para as discussões ecumênicas.

O processo de formação da tradição batista tem sido marcado por cisões, polêmicas e controvérsias. E isso, segundo Carlos Novaes<sup>12</sup>, se deve em grande medida a própria gênese da tradição batista, fincada no liberalismo inglês do século XVII, que entre outras coisas, defendia a competência do indivíduo, a liberdade de pensamento e de crença.<sup>13</sup> Por intermédio desses princípios formadores, surgiram diversas ramificações dentro da denominação batista, fato este que não é estranho a esses mesmos princípios. E a questão é justamente essa, as Igrejas Batistas, por conta de seus princípios formadores tinha o potencial de ser um marco da liberdade e do diálogo ecumênico e inter-religioso em todo o mundo, ainda mais em uma época em que essas questões ainda não eram discutidas de forma expressiva, como foram a partir do século XIX e com muito mais força no século XX. Mas, ao contrário do esperado, esse espírito batista de liberdade de crença e de consciência, se converteu em um espírito separatista e exclusivista, surgindo assim confissões de fé, sempre reivindicando a “pureza” dos princípios batistas, levando assim a dogmatização e ao engessamento desses princípios. Liberdade de consciência e competência do indivíduo, pressupõem dinamicidade, pluralidade legítima e diálogo, e não um autofechamento que se expressa por meio de uma postura exclusivista que não abre margem para discussões e reinterpretações, assim como foi observado no meio batista norte-americano do século XIX.

Ainda na primeira metade do século XVII, duas grandes ramificações surgiram no meio batista inglês: os batistas particulares e os batistas gerais. Os batistas gerais surgiram junto com a primeira Igreja Batista em solo inglês, mais especificamente na cidade de Spitalfields.

---

<sup>9</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Exodus, 1996. p. 77.

<sup>10</sup> PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo dos (Orgs.). *Os Batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 25.

<sup>11</sup> KLEIN, Carlos Jeremias. *Batismo e Rebatismo nas Diversas Tradições Cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 75.

<sup>12</sup> Foi professor de História da Igreja, História da teologia e História dos Batistas por 14 anos no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e também diretor do Departamento de História dessa mesma instituição. É também Pastor da Igreja Batista de Barão de Taquara, na cidade do Rio de Janeiro, desde 1998.

<sup>13</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 11.

Organizada por Thomas Helwys e mais 10 pessoas que haviam regressado da Holanda para a Inglaterra no ano de 1612.<sup>14</sup> Eles foram os primeiros a se organizar na Inglaterra, seguiam uma linha teológica arminiana e um modelo de organização mais centralizado. Já os batistas particulares, que surgiram por volta do ano de 1633. Pelo menos a princípio, seguiam um modelo de organização mais descentralizado e de linha calvinista. Vale lembrar que nesse período ainda não tinha sido definida a forma de aplicação do batismo, que é praticada pelas igrejas batistas de hoje, ou seja, a imersão. Naquele tempo eles praticavam mais a afusão, forma essa que era majoritariamente praticada pelos Anabatistas. Só a partir de 1638, por iniciativa da Igreja Batista particular de Spilsburg, em Londres, é que se especificou a imersão como a forma ideal de batismo. A partir daí as outras igrejas batistas passaram a adotar essa forma.<sup>15</sup>

Partindo para a América, mais precisamente os Estados Unidos. Os primeiros batistas que chegaram ali, seguiam uma linha teológica arminiana. Mas com o passar do tempo os calvinistas conquistaram a hegemonia. Assim, como na Inglaterra, nos Estados Unidos o embate teológico entre calvinismo e arminianismo foi causa de muitas cisões e controvérsias. Mas existiram também outras questões que geraram divisões no meio batista americano. Muitas vezes causadas por pequenos grupos, ou por pessoas específicas, como é o caso de Alexandre Campbell, que por volta de 1840 começou a defender o fim do denominacionalismo e que a salvação não era possível sem o batismo.<sup>16</sup> Mas, sem dúvida alguma, a maior divisão no seio batista norte americano, se deu por conta da questão escravagista. Após a convenção trienal de 1814, o drama da escravidão foi crescendo no meio batista norte-americano. A grande maioria dos batistas do norte dos EUA era abolicionista,<sup>17</sup> ao contrário dos batistas do sul, que alegavam que o rompimento abrupto do sistema escravagista traria mais prejuízo do que benefícios. Algo interessante a se notar é, que os batistas do sul não tiveram a mesma militância e espírito revolucionário acerca desta questão, como tiveram em relação a defesa de seus princípios, como bem apontou Israel Azevedo.<sup>18</sup> O estopim da divisão se deu com a recusa por parte da Convenção Geral de Missões Batistas dos Estados Unidos, em aceitar como missionário um proprietário de escravos. Atitude esta que Reis Pereira considerou como radical<sup>19</sup>. Surge então, após esse episódio em 1845, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, que foi

---

<sup>14</sup> PEREIRA, 1979, p. 69.

<sup>15</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 26.

<sup>16</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 30.

<sup>17</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 31.

<sup>18</sup> AZEVEDO, 1996, p. 146.

<sup>19</sup> PEREIRA, 1979, p. 79.

responsável pelos primeiros trabalhos missionários batistas no Brasil e que exerce influência no meio batista brasileiro até os dias atuais.

## 1.2. O Processo de Formação da Convenção Batista Brasileira e sua Tendência a Divisão

A partir do ano de 1851, o Brasil começa a ser cogitado como possível campo missionário pelos batistas do Sul dos Estados Unidos. Mas foi só no ano de 1859 que Thomas J. Bowen, foi enviado ao Brasil, ou seja, ele foi o primeiro missionário batista norte-americano a pisar em solo brasileiro. Contudo o trabalho de Bowen no Brasil foi um verdadeiro fiasco, as reações a sua estada no Brasil não foram nada boas. Outro fator negativo foi seu estado de saúde precário. Bowen também chegou a ser acusado pelos brasileiros, de querer começar algum tipo de movimento ou revolução junto a população negra. Por ele ter feito trabalhos missionários na África, entre aqueles que Reis Pereira denominou como “selvagens”<sup>20</sup>, e por isso ter demonstrado a vontade de trabalhar entre os negros escravizados. Por conta desses fatores ele e sua família tiveram que voltar para os Estados Unidos. A presença batista no Brasil, tornou-se mais expressiva após a guerra civil nos Estados Unidos (1861 – 1865), onde muitos da parte sul (derrotada), foram forçados a deixar o país. Então no ano de 1866, não só batistas, mas também presbiterianos e metodistas vieram dos Estados Unidos e se estabeleceram primeiramente em Santa Bárbara, interior do estado de São Paulo. Lugar onde foi fundada em 1871 a primeira igreja batista em solo brasileiro<sup>21</sup>.

Apesar da presença batista em solo brasileiro e de já ter igrejas fundadas, foi só no ano de 1881 que William Buck Bagby<sup>22</sup> começou o trabalho missionário batista de maneira mais consistente no país. Então, no ano de 1885, o primeiro brasileiro “convertido” é batizado pelo próprio Bagby. O que é interessante notar nesse fato, é que, não se tratava exatamente de uma conversão, pois o “convertido” em questão, era presbiteriano há quatorze anos<sup>23</sup>. Conclui-se daí que havia uma disposição por parte dos batistas, não só de converter os “pagãos” como eram chamados todos os não protestantes, incluindo-se aí os católicos, como também os próprios protestantes de outras denominações. Eram muito comuns os relatos no meio batista, de pessoas

---

<sup>20</sup> PEREIRA, 1979, p. 81.

<sup>21</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 33.

<sup>22</sup> Missionário norte americano, descendente de huguenotes franceses. Veio para o Brasil em março de 1881 e foi um dos fundadores da Primeira Igreja Batista da Bahia (1882). É considerado um dos maiores missionários que vieram dos EUA para a América do Sul na segunda metade do século XIX. Ele realizou trabalhos por todo o Brasil e até mesmo no Chile.

<sup>23</sup> PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil (1882 – 1982)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. p. 28.

que ao lerem e estudarem o Novo Testamento “a fundo”, reconheciam que a forma bíblica do batismo, ou seja, a forma “correta”, era como os batistas praticavam, então a partir desse *insight*, essas pessoas se tornavam batistas.

No ano de 1907, então, foi criada a Convenção Batista Brasileira (CBB), após a criação de algumas convenções regionais, seguindo os modelos norte-americano e inglês, que foram avançando até ser consolidada a convenção nacional. A primeira direção da CBB era composta por 6 homens, portanto nenhuma mulher, esse quadro só veio a mudar no ano de 1980, ou seja, quase oitenta anos depois, quando a primeira mulher foi eleita para fazer parte da direção<sup>24</sup>. Já no ano de 1919, a CBB já começa a demonstrar o seu espírito antiecumênico, quando a União Geral das Escolas Dominicais, que na época almejava a criação de uma convenção mundial de escolas dominicais, pediu o apoio da CBB para o projeto, e ela se negou a fazê-lo<sup>25</sup>. E, Segundo Reis Pereira, em resposta à esse convite a CBB criou um projeto para a criação da primeira Convenção Batista Latino Americana<sup>26</sup>. Fica claro nesse episódio a indisposição batista no que tange as relações inter-denominacionais e aos movimentos de caráter ecumênico, o que é uma contradição se vista pela ótica de seus próprios princípios.

Em 1958, mais precisamente no dia 16 de outubro, seminaristas do Semirário Teológico Batista do Sul, no Rio de Janeiro, organizaram uma reunião de oração na biblioteca daquele seminário.<sup>27</sup> Até aí, nada de incomum, a não ser pelo fato da reunião contar com a presença de José Rego do Nascimento, que foi convidado pelos próprios seminaristas. A partir dessa reunião, onde houve as experiências chamadas de “batismo com o Espírito Santo”, com choro, êxtase e glossolalia. Surgiu então o que ficou conhecido como movimento de renovação espiritual, que não foi um movimento ocorrido exclusivamente dentro da Igreja batista, mas também em outras Igrejas, como a metodista e a presbiteriana<sup>28</sup>. Dito isso, o fato importante a ser destacado aqui é que esse movimento gerou um grande cisma dentro da CBB. A consolidação do cisma, primeiramente se deu com a exclusão da Igreja Batista da Lagoinha<sup>29</sup>, cujo o líder era Rego, e de mais 30 igrejas batistas que eram a favor do movimento de renovação, do rol de igrejas da Convenção Batista Mineira<sup>30</sup>. A exclusão se deu em julho de 1961, na assembléia da Convenção Batista Mineira. O nível dos embates foi tão baixo, que

---

<sup>24</sup> YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O Debate Sobre a História das Origens do Trabalho Batista no Brasil*. Tese (Doutorado), 2009. p. 116.

<sup>25</sup> PEREIRA, 1985, p. 95.

<sup>26</sup> PEREIRA, 1985, p. 96.

<sup>27</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 128.

<sup>28</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 127.

<sup>29</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 148.

<sup>30</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 149.

escandalizou até o próprio Reis Pereira, que já esperava a exclusão, mas não imaginava que se daria daquela forma<sup>31</sup>.

No ano seguinte (1962), a questão do movimento de renovação espiritual, voltou a ser pauta, desta vez na assembleia da CBB em Curitiba. Depois de terem discutido o tema, ficou decidido que seria criada uma comissão para estudar a “doutrina do Espírito Santo”. A comissão inicialmente era composta por treze membros, três a favor da renovação, três que eram contrários a renovação e sete “neutros”. O primeiro parecer da comissão, foi apresentado na assembleia de 1963, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. O parecer dizia que não tinha encontrado uma definição clara para o que seria o “batismo no Espírito Santo”, mas afirmava que crenças como a segunda benção, “dons de línguas” e curas milagrosas, não se coadunavam com o que os batistas acreditavam.<sup>32</sup> E então, finalmente no ano de 1965 na assembleia da CBB que aconteceu em Niterói, no Rio de Janeiro, ficou decidido que todas as igrejas que fossem excluídas das convenções estaduais em todo país, por conta do envolvimento com o movimento de renovação espiritual, também seriam excluídas da CBB. É importante deixar claro que a decisão não foi tomada sem controvérsias (foram 437 votos a 291)<sup>33</sup>, e também muitos que participaram das discussões questionaram a competência e a autoridade da CBB, no que tange questões doutrinárias.

Algo importante a ser observado diante desses fatos é que, existe um certo dualismo presente nos princípios batistas que norteiam a visão e os propósitos da CBB. Ao mesmo tempo que eles se abrem, enfatizando a autonomia das comunidades locais<sup>34</sup> e a competência do indivíduo perante Deus<sup>35</sup>, eles também se fecham colocando como fonte de sua autoridade o próprio Jesus, a Bíblia, e o Espírito Santo, ou seja apresentando-se assim de forma dogmática e sem margem para questionamentos, como bem apontado por Ierson Batista<sup>36</sup>. A partir dessas afirmações, algumas perguntas ficam no ar e envoltas em nuvens, tais como: quais as reais atribuições da CBB, e seus limites no que diz respeito a questões doutrinárias; bem como os limites tanto da autonomia das comunidades locais, quanto da competência do indivíduo?

Um outro caso, mais recente, que traz novamente a tona essas questões, foi a exclusão da Igreja Batista de Pinheiro (IBP), em Maceió (Alagoas), do rol de igrejas ligadas a CBB, no

---

<sup>31</sup> PINHEIRO; SANTOS, 2012, p. 150.

<sup>32</sup> PEREIRA, 1985, p. 197.

<sup>33</sup> PEREIRA, 1985, p. 199.

<sup>34</sup> SOUZA, Sócrates Oliveira de (Org). *Pacto e Comunhão*: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. p. 43-44.

<sup>35</sup> SOUZA, 2010, p. 37.

<sup>36</sup> BATISTA, Ierson Silva. *O Discurso Cristão Batista*: considerações nos princípios batistas à luz da análise do discurso. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 90.

ano de 2016<sup>37</sup>. O motivo da exclusão, foi o fato da igreja passar a batizar pessoas assumidamente homossexuais. Mas é importante ressaltar que a IBP declara, em uma carta<sup>38</sup> que escreveu em resposta a exclusão por parte da CBB, que a decisão de batizar qualquer pessoa que confesse Jesus Cristo como Senhor e Salvador de sua vida, independente de sua condição social, econômica e sexual, não surgiu por acaso. Ela se deu em um processo que durou cerca de 10 anos, envolvendo estudos e consultas a muitos exegetas, e também foi aprovada pela maioria absoluta dos membros da comunidade, atendendo, dessa forma, os princípios batistas da democracia e da autonomia da comunidade local. Então, a partir desses casos, dá para se afirmar que a postura da CBB tem estado de acordo com seus princípios? Que ela mesmo declara serem os seguintes: “promover missões domésticas e estrangeiras, e tudo mais que direta ou indiretamente tenha relação com o reino de nosso Senhor Jesus Cristo, respeitando-se a soberania das igrejas e a igualdade de direitos umas para com as outras”<sup>39</sup>. Em muitos casos, como os colocados acima, não é isso que se tem observado. Ao invés de promover a fraternidade e o espírito cooperativo entre as igrejas, combatendo as ambiguidades presentes em seus princípios, visando assim um testemunho cristão mais rico, dialogal e coerente com o Evangelho de Cristo. Em muitos momentos a CBB tem se portado como uma espécie de “polícia” doutrinária/dogmática, não cooperando, dessa forma, com o crescimento da Igreja batista brasileira e com o testemunho cristão no país.

## 2. SOBRE O BATISMO

### 2.1. O Batismo no Cristianismo dos Primeiros Séculos da Era Cristã

O tema do batismo na história do cristianismo sempre foi e continua sendo objeto de muitas discussões e polêmicas. Teologias diversas surgiram a respeito do tema, e também é possível observar uma pluralidade, no que tange as interpretações e aplicações. No fim do primeiro século da presente era, as primeiras comunidades cristãs já se preocupavam em definir pontos acerca do batismo. No Didaqué<sup>40</sup>, por exemplo, o que foi ressaltado, era que o ato

---

<sup>37</sup> GUSTAVO, derek. *Convenção Batista exclui igreja em Maceió por batizar homossexuais* (notícia). Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/07/convencao-batista-exclui-igreja-em-maceio-por-batizar-homossexuais.html>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

<sup>38</sup> SANTOS, Wellington. *Carta da Igreja Batista do Pinheiro à Convenção Batista Brasileira*. Disponível em: <<http://batistadopinheiro.blogspot.com/2016/07/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

<sup>39</sup> SOUZA, 2010, p. 68.

<sup>40</sup> Conhecido também como Instrução dos Doze Apóstolos, o Didaqué é um catecismo que data de fins do primeiro século da era cristã, ou seja, bem próximo dos escritos do Novo Testamento.



batismal deveria ser precedido de um ensinamento, e que deveria também ser feito em nome da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e de preferência com água corrente e fria, mas na ausência dessa, poderia ser feito com água quente e derramando-se por três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo<sup>41</sup>. Outra coisa interessante era que tanto aquele que seria batizado, como o que iria batizar, deveriam observar o jejum<sup>42</sup>. Então, o que pode ser observado no Didaqué é que, as condições fundamentais para o ato batismal eram: o ensinamento prévio, o uso da água que estivesse disponível no local e o jejum. Mas com o passar dos séculos, outras questões surgiram e entraram nas discussões e decisões conciliares, principalmente na época da patrística.

A partir do segundo século da era cristã, em decorrência de cisões na Igreja hegemônica, surgiram grupos com teologias e práticas diferentes e que eram considerados heréticos. Por conta desses grupos, questões acerca de admissão, readmissão e conseqüentemente o rebatismo de pessoas, começaram a ser discutidas. Tertuliano já estava tratando dessas questões, na passagem do segundo para o terceiro século, dizendo que só existe um batismo, pois só existe um Deus e uma só Igreja, negando dessa forma a validade do batismo de outros grupos, que segundo ele não faziam parte da comunhão da verdadeira Igreja. Portanto, infere-se que a prática do rebatismo já era uma realidade no norte da África e em algumas igrejas do Oriente nesse período.<sup>43</sup> Posteriormente, Cipriano de Cartago, no ano de 256 d.C., presidiu um concílio, que contou com a presença de 71 bispos, onde foi confirmada a prática do rebatismo. Cipriano era radical no que diz respeito as pessoas oriundas de movimentos sismáticos, para ele, essas pessoas precisavam ser rebatizadas para serem admitidas na verdadeira Igreja, pois ele não considerava válido o batismo realizado em grupos cristãos dissidentes. Por conta de seu posicionamento, Cipriano acabou entrando em um embate com o Bispo Estevão, de Roma, que era mais moderado acerca dessa questão, para ele as pessoas oriundas de outros grupos, poderiam ser admitidas a comunhão, somente pela imposição de mãos. Ele também acreditava que, qualquer um que fosse batizado em nome de Cristo, onde quer que seja, conseguiria a Graça de Cristo.<sup>44</sup>

Ainda no período da patrística muitas decisões sobre do batismo foram tomadas em relação a alguns grupos da época. No concílio de Nicéia (325), por exemplo, o batismo dos Novacianos foi considerado válido, por isso ficou decidido que eles fossem submetidos somente

---

<sup>41</sup> DIDAQUÉ. Tradução de Pe. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. 15ª Ed. São paulo: Paulus, 2008. p. 19.

<sup>42</sup> DIDAQUÉ, 2008, p. 20.

<sup>43</sup> KLEIN, 2010, p. 18.

<sup>44</sup> KLEIN, 2010, p. 22.

a imposição de mãos. Já no caso dos Paulianistas, o mesmo concílio determinou que eles fossem rebatizados, porque o batismo deles foi considerado inválido.<sup>45</sup> Portanto, no período da patrística, existiam muitas indefinições e pluralidades interpretativas acerca do batismo. Alguns grupos e pessoas defendendo pontos mais próximos da visão comum, outros se distanciando mais, e muitos mantinham ideias bem dissonantes. Os donatistas, por exemplo, acreditavam que a validade do batismo dependia da dignidade do ministro oficiante, e Parmeniano, sucessor de Donato, chegou a dizer que a Igreja donatista era a única que detinha a posse do verdadeiro batismo de Cristo.<sup>46</sup> Algo também importante a ser observado é o surgimento de ritos pré e pós batismais, que podem ser enxergados como extensões ou simplesmente como partes que compõem o próprio ato do batismo. Nos ritos pré-batismais, por exemplo, existia o rito de renúncia a satanás, observado em Alexandria (Norte da África) e em Roma. Existia também, a unção pré-batismal, que na Síria era encarada como sendo a comunicação com o Espírito Santo, enquanto em Roma era interpretada como um exorcismo.<sup>47</sup> Já os ritos pós-batismais eram comumente ligados a confirmação e ao derramamento do Espírito Santo. No Norte da África e em Roma, a unção pós-batismal era aplicada, assim como também a imposição de mãos, algo que na maior parte das igrejas do Oriente não era observado.<sup>48</sup>

A respeito do batismo de crianças (pedobatismo), Tertuliano, que se posicionava a favor do mesmo, foi o primeiro dos pais da Igreja a fazer referência ao tema. De acordo com os relatos de Cipriano, no século III, podemos admitir que em muitos lugares o batismo de bebês com dois ou três dias de nascidos já era bem comum na época.<sup>49</sup> O próprio Cipriano defendia o pedobatismo, ele dizia que, a ninguém que chegassem a existência independente da idade, deveria ser negada a Graça de Deus, ou seja, o batismo. Outro que defendia o pedobatismo foi Orígenes, e que foi provavelmente o primeiro a trabalhar com teologia do pecado original, que era muito importante para a legitimação do pedobatismo<sup>50</sup>. E posteriormente, Agostinho de Hipona desenvolveu uma sólida teologia do pecado original que, por sua vez, gerou a ideia de necessidade absoluta do batismo para a salvação, e conseqüentemente a preocupação em assegurar o batismo o mais cedo possível para que a pessoa (independente da idade) não

---

<sup>45</sup> KLEIN, 2010, p. 23.

<sup>46</sup> KLEIN, 2010, p. 27.

<sup>47</sup> OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e Confirmação*: sacramentos de iniciação. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007. p.72.

<sup>48</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 73.

<sup>49</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 76.

<sup>50</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 77.

morresse sem ser salva. Vale lembrar que a teologia de Agostinho é fundamental para teologia da Idade Média, que por sua vez orbitava em torno do medo.<sup>51</sup>

O que pode ser observado nos primeiros séculos do cristianismo, são teologias e práticas plurais que se davam, em grande medida, nas controvérsias com os grupos cismáticos e heterodoxos e que traziam questões novas acerca do batismo. Mas não só por meio das controvérsias, mas também a partir do próprio pensamento de figuras de autoridade dentro da Igreja, o que gerava muitas discussões e interpretações divergentes. É interessante observar isso, pois na Igreja Batista, assim como em outras Igrejas, tem-se o costume de fazer referência as primeiras comunidades cristãs como modelos de pureza e ao mesmo tempo reivindicando a posse dessa “pureza” que segundo elas, era observada naquele período, como se o contexto histórico onde essas Igrejas nasceram, não tivesse nenhum tipo de influência na teologia e no pensamento seguido por elas.

## 2.2. O Batismo na Ala Radical da Reforma Protestante e o seu Percurso até a Convenção Batista Brasileira

Se tratando dos grupos radicais da reforma protestante, existem dois pontos centrais acerca do batismo, o primeiro e mais importante é o batismo somente de crentes, ou seja, daqueles que são capazes de fazer uma profissão de fé pessoal, e secundariamente a forma do batismo que é a imersão. Essas ideias, logo no início da reforma, foram ganhando força dentro da ala radical que tinha como grupos mais expressivos, os Anabatistas e os Menonitas. Baltasar Hubmaier, provavelmente foi o primeiro radical a fundamentar teologicamente o batismo somente de crentes<sup>52</sup>. Hubmaier, juntamente com Conrado Grebel e Felix Manz, pretenderam radicalizar a reforma de Ulrico Zuínglio, e um dos elementos centrais dessa radicalização foi o antipedobatismo. Eles então pleiteando o fim do pedobatismo passaram a se reunir com o próprio Zuínglio, em Zurique (Suíça), criando assim um conselho para discutir o tema do pedobatismo. E neste conselho, no ano de 1525, decidiu-se manter o pedobatismo e também se estabeleceu penas para aqueles que se recusassem a batizar suas crianças.<sup>53</sup> Posteriormente no ano de 1526 em Zurique, a pena de morte foi estabelecida para aqueles que praticassem o rebatismo. A partir daí, os radicais começaram a rebatizar por conta própria, e por conta disso e de suas ideias divergentes milhares e milhares deles foram perseguidos e mortos em toda a

---

<sup>51</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 87.

<sup>52</sup> KLEIN, 2010, p. 46.

<sup>53</sup> KLEIN, 2010, p. 47.

Europa da época. Vale lembrar que, dentro da própria ala radical, havia pluralidade de teologias e interpretações e muitos exageros também, como os acontecidos na cidade de Münster (Alemanha), onde foi instituída a poligamia, e ideias apocalípticas.<sup>54</sup>

O rebatismo veio a se tornar uma prática comum no meio radical e posteriormente no meio batista, sendo praticado ainda nos dias de hoje. A prática de apresentação de crianças na igreja, criada por Hubmaier, é outra prática que é observada ainda hoje nas igrejas batistas e em outras igrejas, como as pentecostais, por exemplo.<sup>55</sup> De certa forma, essa prática era uma maneira de preencher a lacuna deixada pelo pedobatismo. É importante ressaltar que a postura dos radicais acerca do batismo era uma postura minoritária no início. Os grandes reformadores da época, como Zuínglio e Martinho Lutero, reagiram negativamente a prática do rebatismo, e as confissões de fé produzidas pela grande maioria das igrejas reformadas também condenavam a prática. O próprio Zuínglio já demonstrava preocupação acerca da fragmentação da Igreja e da postura exclusivista observada nos grupos radicais.<sup>56</sup>

O primeiro grupo que viria a ser conhecido como batistas, por conta de seu contato com os menonitas holandeses (1609), adotaram algumas práticas que eram características desses grupos radicais anteriores a eles. Já na Primeira Confissão de Fé de Londres (1644) é possível observar essa influência da teologia da ala radical da reforma protestante, dentro da teologia batista inglesa. Mais precisamente no artigo 39 da confissão, onde batismo é colocado como uma ordenança que foi instituída por Cristo, negando-se dessa forma o caráter sacramental do batismo<sup>57</sup>, o que parece ser um conceito um tanto abstrato e simplesmente uma forma de diferenciação e negação da tradição Católica Romana das demais Igrejas reformadas que mantiveram os sacramentos. Ainda no artigo 39, é afirmado que, somente após uma profissão de fé pessoal, a pessoa poderá receber o batismo<sup>58</sup>. Na segunda Confissão de Londres (1689) esses dois pontos permaneceram inalterados. E na Confissão de Fé de New Hampshire (Estados Unidos), criada por volta de 1833, é afirmado que o batismo é a imersão do crente na água, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo<sup>59</sup>. Dessa forma fica estabelecida uma tríade, contendo a profissão de fé pessoal por parte da pessoa que será batizada; o batismo como ordenança e

---

<sup>54</sup> KLEIN, 2010, p. 51.

<sup>55</sup> KLEIN, 2010, p. 50.

<sup>56</sup> KLEIN, 2010, p. 54-56.

<sup>57</sup> A CONFISSÃO de fé Batista de 1644. Tradução de Camila Rebeca Almeida. 2015. p.18. Disponível em: <<https://oestandartedecristo.com/data/AConfissCeodeFCoBatistadeLondresde1644.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

<sup>58</sup> A CONFISSÃO, 2015, p. 18-19.

<sup>59</sup> CONFISSÃO de fé Batista de New Hampshire (1833). Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/new.htm#cap8>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

não como sacramento; e a imersão como forma verdadeiramente bíblica de aplicação do batismo.

Essa tríade fez e ainda faz parte de um pano de fundo que há por trás da postura exclusivista e anti-ecumênica dos batistas do Sul dos Estados Unidos, e por extensão, dos batistas brasileiros. Um caso que demonstra bem essa postura foi o ocorrido na Conferência do Movimento Fé e Ordem, em Edimburgo, no ano de 1937. Durante a conferência o principal representante da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos se recusou a participar da Ceia celebrada lá, pois segundo ele, a Ceia seria administrada por um homem cujo o batismo não foi válido.<sup>60</sup> E se tratando da CBB, vale ressaltar que ela surgiu pelo esforço majoritário dos missionários batistas do Sul dos Estados Unidos, herdando de forma muito expressiva, a teologia e as doutrinas seguidas por eles. Vale ressaltar que, a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, de 1985, manteve em grande medida a essência da Confissão de New Hampshire. O batismo, no meio batista, foi e ainda continua a ser uma grande barreira no que tange as relações ecumênicas. Ainda é muito comum a ideia de que somente o batismo, de acordo com a visão seguida pelos batistas, pode ser considerado válido, legitimando dessa forma a prática do rebatismo, que nem é denominado dessa forma no meio batista, por que para eles, a pessoa que não foi batizada de acordo com a visão defendida pelos batistas, não é batizada de fato.

A questão aqui, não é refutar ou contraargumentar a interpretação e a aplicação do batismo por parte dos batistas. Até porque, muitas outras tradições de fé seguem interpretações alinhadas com o que os batistas seguem. O próprio texto de convergência de Lima (Peru), do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), faz apologia ao batismo após profissão de fé pessoal<sup>61</sup>, e também a imersão como forma de aplicação ideal<sup>62</sup>, embora condene a prática do rebatismo<sup>63</sup>. Assim também como o grande teólogo suíço Karl Barth, que se posicionou contra a prática do batismo infantil<sup>64</sup>. Em contrapartida, teólogos de peso também defenderam o pedobatismo, como por exemplo o teólogo francês Oscar Cullmann<sup>65</sup>. Então, o que podemos observar são interpretações plurais, quer seja de denominações, grupos independentes ou de teólogos, e

---

<sup>60</sup> KLEIN, 2010, p. 77.

<sup>61</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Tradução de A. J. Dimas Almeida. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1984. p. 18.

<sup>62</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 1984. p. 21.

<sup>63</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 1984. p. 20.

<sup>64</sup> BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar. *Batismo em Diferentes Visões*. Tradução de Daniel Costa; Daniel Sotelo. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004. p. 41.

<sup>65</sup> BARTH; CULLMANN, 2004. p. 74-80.

muitos deles com a pretensão de monopolizar a verdade. E negando-se o fato que essas interpretações também são eivadas por elementos do contexto histórico onde elas surgiram.

A questão é justamente essa, ou seja, enxergar uma realidade maior por trás do ato batismal. Para Joseph Ratzinger o batismo simboliza uma passagem para uma nova vida e ao mesmo tempo uma vitória sobre o pecado, ou seja, no ato do batismo, aquele que é batizado morre para o pecado e renasce para uma nova vida<sup>66</sup>. O próprio Barth, citando o caso de mudanças na forma de aplicação do batismo em pessoas doentes no período apostólico, diz que o batismo representa uma realidade que transcende todo tipo de forma de aplicação e interpretação, pois ele é a participação na morte e ressurreição de Jesus Cristo<sup>67</sup>. Portanto, a visão geral dos cristãos acerca do batismo é que ele é passagem, iniciação, morte e ressurreição. E as muitas interpretações que surgem a partir daí podem acabar se tornando barreiras para o diálogo ecumênico entre as igrejas e para o testemunho cristão ao mundo. E se tratando das Igrejas batistas ligadas a CBB, no que diz respeito ao batismo, ainda existem muitas barreiras a serem vencidas.

### 3. A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA E O MOVIMENTO ECUMÊNICO BRASILEIRO

#### 3.1. O Impacto dos Principais Elementos da Postura Antiecumênica da Convenção Batista Brasileira

Uma pergunta importante a ser feita é: por que as igrejas ligadas a CBB sempre mantiveram distância dos movimentos e diálogos ecumênicos? Um dos fatores que ajudam a entender essa postura da CBB é a sua herança batista norte-americana. Os primeiros missionários batistas do sul dos EUA trouxeram consigo toda a bagagem teológica e ideológica daquele país, o que influenciou profundamente a formação do pensamento batista brasileiro<sup>68</sup>. Um exemplo disso é a postura profundamente proselitista típica do protestantismo norte-americano da época, que tinha como pano de fundo a ideologia do “destino manifesto”, que a grosso-modo era uma ideologia que colocava os EUA como uma nação escolhida por Deus e que tinha uma missão a cumprir junto aos povos menos favorecidos, o que incluía aí os países

---

<sup>66</sup> RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão a transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. p. 32.

<sup>67</sup> BARTH; CULLMANN, 2004. p. 14.

<sup>68</sup> SILVA, Nilo Tavares. *Do Confronto ao Diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 85.

latino-americanos.<sup>69</sup> Uma outra herança dos batistas norte-americanos foi o Landmarkismo, que como dito anteriormente, é uma teoria profundamente exclusivista e totalitarista e que segundo Nilo Tavares, ainda goza de grande aceitação no meio batista brasileiro.<sup>70</sup> Um terceiro e não menos importante elemento, também herdado pelos batistas norte-americanos e que foi reforçado pelo próprio contexto religioso brasileiro da época, foi o anticatolicismo.<sup>71</sup> Esse espírito anticatólico alimentou em grande medida a postura antiecumênica da CBB. Teorias conspiratórias e falaciosas acerca da Igreja Católica Romana se tornaram comuns no meio batista, principalmente depois do Concílio Vaticano II. O Pastor batista e ex-Padre Aníbal Pereira Reis foi um dos que escreveram acerca desse tema dizendo que o movimento ecumênico é uma meta diabólica do catolicismo romano que pretende submeter todas igrejas cristãs no mundo ao seu poderio<sup>72</sup>. A CBB, então, influenciada por essas ideias, sempre se recusou a participar dos movimentos e propostas ecumênicas surgidas com o passar dos anos. São vários os exemplos que demonstram isso, como a recusa em participar da Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil (FIEB), criada em 1933 e que tinha como propósito o fortalecimento do protestantismo brasileiro e sua afirmação perante o catolicismo ainda hegemônico<sup>73</sup>. Também a recusa em participar da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), surgida da FIEB, e que foi a principal instituição ecumênica dos protestantes até a década de 1960,<sup>74</sup> bem como se manteve de fora da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), e também do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).<sup>75</sup>

Diante desses fatos, é possível notar a persistência e o esforço da CBB durante os anos em manter esses elementos herdados dos batistas norte-americanos. Elias Wolff, padre e teólogo católico, coloca o exemplo de Igrejas que herdaram em outras épocas e contextos elementos que geram divisões, e que essas mesmas Igrejas não se sentem autorizadas a anular esses elementos mantidos por elas<sup>76</sup>. Outra questão levantada por Wolff é que quanto mais as igrejas se mantiverem distantes do movimento e das iniciativas ecumênicas mais elas irão resistir ao diálogo e aos resultados desse diálogo, por elas não estarem dispostas a promover mudanças em sua estrutura.<sup>77</sup>

---

<sup>69</sup> SILVA, 2012. p. 87.

<sup>70</sup> SILVA, 2012. p. 82.

<sup>71</sup> SILVA, 2012. p. 115.

<sup>72</sup> REIS, Aníbal Pereira. *O Ecumenismo e os Batistas*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1972. p. 33.

<sup>73</sup> SILVA, 2012. p. 124.

<sup>74</sup> SILVA, 2012. p. 126.

<sup>75</sup> SILVA, 2012. p. 134-135.

<sup>76</sup> WOLFF, Elias. *A Unidade da Igreja: ensaios de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 29.

<sup>77</sup> WOLFF, 2007. p. 30.

A postura exclusivista das igrejas batistas ligadas a CBB pode ser claramente observada nos escritos de grandes nomes, como o de José do Reis Pereira, em artigos oficiais da CBB e até mesmo em sermões pregados nas igrejas. É importante destacar que essa postura exclusivista também é legitimada biblicamente, como observado na obra de Aníbal Pereira Reis, ele diz que os batistas são fiéis a bíblia e por isso intransigentes na manutenção de seus princípios<sup>78</sup>. Dessa forma não se abre nenhuma margem para a abertura e para o diálogo. É comum também o estranhamento e o distanciamento do grande público acerca dessas questões, por conta da influência que é transmitida a eles, por meio dessas “doutrinas bíblicas”. Segundo Wolff, esse grande público acaba não tendo conhecimento das razões históricas e teológicas das divisões envolvendo as Igrejas das quais ele faz parte, e nem dos fatores demarcadores da identidade dessas Igrejas<sup>79</sup>. Dessa forma, essa falta de conhecimento acaba sendo um fator impeditivo para que o grande público tenha acesso as discussões, a reflexão e as ações ecumênicas. E também de participar de uma forma consciente dessas questões que são tão importantes para a Igreja nos dias atuais.

### 3.2. Possíveis Caminhos de Abertura da Convenção Batista Brasileira ao Ecumenismo

A partir dessas afirmações acerca da postura antiecumênica da CBB é possível apontar alguns caminhos que possam promover a abertura da CBB ao movimento ecumênico. O texto de convergência A Igreja: uma visão ecumênica, do CMI, diz que algumas Igrejas identificam a Igreja de Jesus Cristo, exclusivamente com elas mesmas<sup>80</sup>, que é uma característica observável na eclesiologia seguida pelas igrejas batistas ligadas a CBB. É impossível fugir da armadilha do exclusivismo sem que antes a Igreja se entenda em um contexto cristão plural, não só admitindo essa pluralidade, mas também se sentindo inserida nessa pluralidade<sup>81</sup>. Dessa forma as igrejas podem reconhecer umas às outras como expressões legítimas da Igreja Santa, Una, Católica e Apostólica de Cristo. É claro que o pluralismo pode ser enxergado de uma ótica negativa, quando ele promove divisão e a totalização interpretativa, mas pelo contrário, ele precisa ser enxergado por uma ótica positiva e adequada, onde busca-se encontrar a riqueza e

---

<sup>78</sup> REIS, 1972. p. 20.

<sup>79</sup> WOLFF, 2007. p. 33.

<sup>80</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *A Igreja: uma visão ecumênica*. Tradução de Odair Pedroso Mateus; Marie Ann Wangen Krahn. São Paulo: ASTE, 2015. p. 24.

<sup>81</sup> WOLFF, 2007. p. 37.



dinamicidade da mensagem cristã<sup>82</sup>, que é muito maior que qualquer pretensão totalitarista de qualquer tradição ou denominação específica.

Outro ponto da postura antiecumênica da CBB é a legitimação dessa postura por meio da Bíblia. Segundo Alessandro Rocha, a revelação é um atributo próprio de Deus que se auto manifesta contínua e profundamente na dinâmica criação/salvação/glorificação. E a palavra bíblica é a tematização mais ou menos consciente dessa auto manifestação de Deus, feita por homens e mulheres em determinado momento da história. Por isso, a Bíblia é uma fonte especial de recepção dessa revelação e ao mesmo tempo é também fonte de discernimento para as diversas tradições cristãs espalhadas pelo mundo, que por sua vez, possuem realidades culturais diferentes. Sendo assim, quando a Bíblia é fixada canônica e dogmaticamente, ela toma o próprio lugar da revelação de Deus e a partir daí ela passa a ser objeto de disputa por diversos grupos que pretensamente dizem fazer a sua “correta interpretação”. Dessa forma a Bíblia não pode ser enxergada de uma forma sacral e a parte, mas sim como um instrumento de vivificação contínua e dinâmica da experiência da revelação de Deus.<sup>83</sup>

Uma outra barreira a ser vencida pela CBB é a sua visão eclesiológica reducionista. Em sua declaração doutrinária, no artigo oitavo, a CBB resume a Igreja como uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé<sup>84</sup>. O primeiro problema dessa declaração é a Igreja ser colocada somente como uma congregação local, dessa forma a igreja local torna-se um fim em si mesma. Ainda que a igreja local seja considerada como parte da Igreja de Cristo ela não o é em sua totalidade. Portanto, a igreja local só é Igreja de fato em sua relação dinâmica com as demais igrejas locais, e essa dinâmica é claramente observada nas primeiras comunidades cristãs, onde eram feitas coletas, visitas e reuniões, assim como relatado nas cartas de Paulo. Dessa forma a comunhão entre igrejas locais, independente da tradição ou denominação, ela não pode ser encarada como algo opcional, mas sim como uma expressão da Igreja universal de Cristo no mundo.<sup>85</sup> Elias Wolff vai além nessa questão e diz que o caráter ecumênico da Igreja é aquilo que a estrutura e identifica, ou seja, não é possível separar o ecumenismo da Igreja pois eles são sinônimos.<sup>86</sup> Partindo para a segunda parte da declaração, é colocado que, somente pessoas batizadas após profissão pessoal de fé, podem ser consideradas como parte da Igreja local. Pressupõe-se daí que, a CBB não reconhece ou tem dificuldade de

---

<sup>82</sup> WOLFF, 2007. p. 28.

<sup>83</sup> ROCHA, Alessandro Rodrigues (Org.). *Ecumenismo para o século XXI: subsídios teológicos para a vocação ecumênica de todo cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011. p.16.

<sup>84</sup> SOUZA, 2010, p. 23.

<sup>85</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2015, p. 44.

<sup>86</sup> WOLFF, 2007. p. 44.

reconhecer como legítimas, as Igrejas que praticam o pedobatismo, ou que não exigem a profissão pessoal de fé como requisito indispensável para o batismo. É interessante notar que nesse mesmo artigo, onde é exposta a visão de Igreja da CBB, é colocado também que as igrejas devem se relacionar e cooperar com as igrejas da mesma fé e ordem. Subentende-se então que a ordem é própria doutrina defendida e praticada pela CBB, pois na realidade é isso que se observa. Diálogo e cooperação é somente entre igrejas ligadas a CBB e quando uma dessas igrejas começa a destoar da doutrina defendida por ela, então ela simplesmente exclui essa igreja do seu rol, enquanto se mantém fechada ao diálogo e cooperação com Igrejas de outras tradições e até mesmo com outras Igrejas batistas que não são ligadas a CBB.

Apesar de a CBB ser a maior convenção batista do país, ela não representa a totalidade dos batistas brasileiros. A Aliança de Batistas do Brasil (ABB), surgida no ano de 2005, a partir da participação de batistas nos principais fóruns de reflexão teológica do Nordeste (FTL – Fraternidade Teológica Latino Americana; MEP – Movimento Evangélico Progressista, dentre outros). E também a partir da inquietação comum aos batistas que participavam desses encontros, acerca da postura conservadora e até mesmo fundamentalista da CBB, que era observada por eles. A ABB surgiu já com um caráter progressista e ecumênico, visando também a liberdade e a correta observância dos princípios formadores que historicamente identificam os batistas, assim como é colocado no artigo 2º do estatuto da Aliança<sup>87</sup>. A ABB sempre se manteve aberta ao diálogo e a participação em ações e instituições de caráter ecumênico, como é o caso de sua participação como Igreja-membro no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Portanto a ABB surgiu como uma luz no fim do túnel e permanece como resistência ao conservadorismo e ao fundamentalismo característico da CBB, que é disseminado no meio batista brasileiro, através de seu poder e grande influência. E que essa chama acesa pela ABB venha se espalhar pelo meio batista brasileiro, possibilitando a conscientização dos batistas em geral, e conseqüentemente levando a CBB a repensar e atualizar a sua visão de Igreja, para que ela tenha condições de levar as suas igrejas membro a terem um testemunho mais fiel e de acordo com a vontade do criador da Igreja que é Jesus Cristo.

## CONCLUSÃO

A CBB sempre se manteve distante dos movimentos, instituições e dos diálogos ecumênicos. E esse distanciamento é, em grande medida, fruto de sua herança batista norte-

---

<sup>87</sup>ESTATUTO da Aliança de Batistas do Brasil. Disponível em: <<http://www.aliancadedebatistasdobrasil.com/p/estatuto.html>>. Acesso em: 7 Set. 2019.

americana, especificamente do sul dos EUA. Mesmo depois de mais de um século de história, ela ainda mantém fortemente esse espírito antiecumenico e antidialogal. Da mesma forma, ela mantém as incongruências e o caráter ambíguo presente em seus princípios e nas doutrinas que norteiam as suas atividades.

É importante destacar que a tradição batista brasileira é plural, portanto a CBB não representa todos os batistas brasileiros, como é o caso dos batistas das igrejas ligadas a ABB. Existem muitos batistas que seguem uma visão mais aberta e dialogal e que se mantêm resistentes a todo tipo de fundamentalismo e conservadorismo deletério, que tem se levantado como barreiras impeditivas ao crescimento (em termos de qualidade) da tradição batista no Brasil. Dessa forma, esses batistas, bem como outros cristãos de tradições diferentes espalhados pelo país, têm lutado para manter acesa a chama da esperança de uma Igreja mais unida e conseqüentemente com um testemunho mais forte, impactante e coerente com a sua própria natureza e missão.

## REFERÊNCIAS

- A CONFISSÃO de fé Batista de 1644. Tradução de Camila Rebeca Almeida. 2015. p.18. Disponível em: <<https://oestandartedecristo.com/data/AConfissCeodeFCoBatistadeLondresde1644.pdf>>.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Exodus, 1996.
- BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar. *Batismo em Diferentes Visões*. Tradução de Daniel Costa; Daniel Sotelo. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.
- BATISTA, Ierson Silva. *O Discurso Cristão Batista: considerações nos princípios batistas à luz da análise do discurso*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- CONFISSÃO de fé Batista de New Hampshire (1833). Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/new.htm#cap8>>.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *A Igreja: uma visão ecumênica*. Tradução de Odair Pedroso Mateus; Marie Ann Wangen Krahn. São Paulo: ASTE, 2015.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Tradução de A. J. Dimas Almeida. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1984.
- DIDAQUÉ. Tradução de Pe. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. 15ª Ed. São paulo: Paulus, 2008.

ESTATUTO da Aliança de Batistas do Brasil. Disponível em: <<http://www.aliancadebatistasdobrasil.com/p/estatuto.html>>.

GUSTAVO, derek. *Convenção Batista exclui igreja em Maceió por batizar homossexuais* (notícia). Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/07/convencao-batista-exclui-igreja-em-maceio-por-batizar-homossexuais.html>>.

KLEIN, Carlos Jeremias. *Batismo e Rebatismo nas Diversas Tradições Cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

LANDERS, John Monroe. *Teologia dos Princípios Batistas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Princípios e Práticas Batistas: uma abordagem histórica*. 2ª ed. Recife: Kairós, 2006.

OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e Confirmação: sacramentos de iniciação*. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, José dos Reis. *Breve História dos Batistas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil (1882 – 1982)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo dos (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão a transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

REIS, Aníbal Pereira. *O Ecumenismo e os Batistas*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1972.

ROCHA, Alessandro Rodrigues (Org.). *Ecumenismo para o século XXI: subsídios teológicos para a vocação ecumênica de todo cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

SANTOS, Wellington. *Carta da Igreja Batista do Pinheiro à Convenção Batista Brasileira*. Disponível em: <<http://batistadopinheiro.blogspot.com/2016/07/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

SILVA, Nilo Tavares. *Do Confronto ao Diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (Org). *Pacto e Comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

WOLFF, Elias. *A Unidade da Igreja: ensaios de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007.